

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha | Assignatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

ANNO.....	4\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	8\$000	TRIMESTRE.....	2\$000
SEMESTRE.....	2\$400		4\$000	MEZ (em Lisboa).....	700
TRIMESTRE.....	1\$200				

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — *Rua Formosa*

EDITOR — *José Joubert Chaves*



REGRESSO DE SEVILHA

CLICHE DE RENOUILLÉ

Summario

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 32 illust.—COMO SE ATACA UM INCENDIO, 13 illust.—MELIAPOR, AS FESTAS DO TRICENTENARIO DA DIOCESE, 15 illust.—UM NAVIO QUE NUNCA NAVEGOU, 6 illust.—NOVA RELIGIÃO EM PORTUGAL, A EGREJA ADVENTISTA, 5 illust.—UMA TARDE DE «SPORT» NO HIPPODROMO, 23 illust.—SUA MAGESTADE A RAINHA EM VILLAMANRIQUE, 5 illust.—SOLIDARIOS COM COIMBRA, 28 illust.

A seda suíssa

É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e do verão para vestidos e blusas:

Echizen, tafetás de lustro, Louhain para de dia, **Musselin** 120 cm. de largura de 1 fr. 1,25 o metro, em preto, branco, liso e plimata, assim como blusas e vestidos em **batiste bordado**.

Vendem-se as nossas sedas garantidas sólidas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & C.
LUCERNE Z. 2 (SUISSA)

Exportação de sedas

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Dá consultas diárias das 9h manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.



SEDATIVO BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os sofrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, abate a euecção do ventre, por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na omlidiae ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorhea accidenta; ou suspensão súbita das regas por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, astringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo biancouter vagina' (leucorrhoea).

O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regas. Elle tónica as fibras musculares, do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminua a pressão sanguinea, estancae o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que souveem pela cessação final dos menstros n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e aos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos autorisados: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 167; Lisboa—Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto,—Inglaterra: "Economic" Mr. J. Wiman.—Export Druggist, 58 e 59, Buxhill Row London, E. C.

Priz da facção: nut francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale, contre mandat de poste adressé a Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.



O principio e seguimento de muitos outros remédios sempre annunciados e acompanhado de perturbações que constituem para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdão os sentidos. Foi n'auma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.^{mo} sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o Sedativo Beirão anti-dysmenorretico, cujos effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradável remedio, uma semna em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as rezras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remédios caseiros nem das pharmacias jamais conseguí um allivio.

Porto, rua de S. Lazari, 126, em 30 de novembro de 1901.—Kellia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do talão—Lia A. Borges d'Avellar.

Instructions pour l'usage portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébreu.

Violet SABÃO REAL DA THRIDACE
PARIS Sabão "Véloline"
SABÃO para a higiene e a saúde

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS

UNION MARITIME E MANNHEIN

Companhia de seguros postaes, marittimos e de transportes — de qualquer natureza

A Companhia La Union y el Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.^o, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.

RUA DA PRATA, 59, 1.^o—Lisboa

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Agente em Paris:—Camille Lipman, 26, Rue Vignon



A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NAS vespers do centenário de Camões, havia entre os estudantes da Universidade uma grande excitação. Receiavam-se tumultos. A academia, em reuniões muito movimentadas, em que a oratoria inflamada e retumbante parecia dever abalar a velha cidade universitária, proclamava theorias de liberdade, coisas estrondeantes que em Lisboa se repercutiam com o exa-



Os estudantes condemnados: Campos Lima, Ramada Curto e Carlos Olavo—O estudante castigado Xavier—Os Drs. Costa Lobo, lente de direito, e Araujo e Gama, lente de theologia—Espectativa benevola—O tenente coronel Dias conversando com um estudante militar



Os lentes de direito drs. Caeiro da Matta e Joaquim Pedro Martins e o decano de mathematica dr. Luiz da Costa e Almeida
 —Os lentes de theologia drs. Araujo e Gama e Bernardo Madureira, e o lente de direito dr. Costa Lobo—Via dolorosa! (padre Com
 quintanista de theologia e o quartanista Girão, unicos que foram ás aulas)—A' porta ferrea—Tenente coronel Dias, conciliador,
 dando instrucções aos chefes de policia—«O vol ch'entrete.....» (O dr. Calixto)



gero das notícias deturpadas através da distancia. Era então ministro do reino Rodrigues Sampaio — o Sampaio da *Revolução*, e governava Coimbra o famoso Zé Pereira. O grande jornalista chamou a Lisboa o seu delegado, o commissario de policia de Coimbra e dois membros da commissão das festas. E reunidos todos no seu gabinete. Sampaio, bonachei-



Os estudantes militares, no regresso das aulas—Os lentes de direito drs. Manuel Dias da Silva e Guilherme Moreira —Depois de dar aula—De guarda aos geraes—O dr. Oliveira Guimarães, o guarda mór da Universidade Donato e o correspondente do *Primeiro de Janeiro*—Mais vale tarde do que nunca! (Adherente do terceiro dia)—Um grupo de estudantes



Os estudantes: (o quintanista Calabaça à futrica)—No primeiro dia da greve: a volta dos theologos das aulas—O quintanista de direito sr. Joaquim Carlos de Sousa declara ao quintanista Mario Monteiro os motivos porque foi á aula— Uma entrada forçada (M. Peixoto e filho, quartanista de direito)—O dr. Calixto caminha para a aula—O dr. Luiz Maria da Silva Ramos, decano de theologia



guarda-már Donato e dois estudantes de theologia—Os reporters dos jornaes de Lisboa tomando notas—Os estudantes absolvidos:
 Adélino Furtado, Julio Dias da Costa Pinto, Sousa e Mello, Carneiro Franco, Vasco Correia da Rocha, Pestana Junior
 e Afonso Henrique de Vasconcellos—O bedel Perdigo: Faltaram todos!—Os quintanistas de direito Mario Monteiro e Joaquim
 Carlos de Sousa, que á ultima hora adherio á greve—Aproveitando uma aberta

(Clichés de Benotiel, enviados expressamente para a «Ilustração Portuguesa»)

ronamente, com uma despreocupação que perturbava e desnorreava os quatro ouvintes, falou primeiro aos estudantes:

— Os meninos não tem nenhum distinctivo, ahí?

E apontava-lhes para a lapella do casaco.

Tinham, effectivamente, uma roseta que fôra adoptada para os membros da commissão.

— Pois muito bem, respondeu Sampaio voltando-se, d'esta vez, para os seus subordinados. Os senhores ficam ás ordens d'estes cavalheiros. A roseta é um signal de auctoridade. São elles os encarregados de fazer a policia de Coimbra e são responsaveis pela ordem publica na cidade.

E despediu-os.

Escusado será dizer que não houve disturbios em Coimbra e que todos os estudantes se abstiveram de manifestações que pudessem comprometter a tranquillidade e a auctoridade de que tinham sido investidos tão solemnemente.

Esta anedota typica vem corroborar a opinião que o sr. conselheiro João Arroyo tem, muito categorica, sobre os recentes acontecimentos. O eminente parlamentar, com quem conversámos ácerca do assumpto, diz-nos:

— E' manifesto que o governo pôz de parte a unica funçao que poderia auxiliar o conflicto: a benevolencia e a generosidade. Os estudantes são como as creanças: pela força não se faz nada d'ellas. Em primeiro lugar, o governo exorbitou de todas as leis; e depois, basta olhar para a tradiçao portugueza n'esta ordem de acontecimentos, para vêr que se ganha mais pela brandura que pelos processos violentos. O marechal Saldanha, o duque de Loulé, Rodrigues Sampaio, em circumstancias identicas, nunca fizeram prevalecer a força para liquidar questões d'esta natureza. Fui estudante, fui durante muitos annos professor da faculdade de direito, conheço por consequencia muito bem o meio e a atmosfera escolar de Coimbra: — a soluçao de recente conflicto universitario não é a que o governo erradamente julgou dar-lhe.

Outro lente da Universidade cujos sentimentos da sympathia e benevolencia para os estudantes são conhecidos, e desde o começo do conflicto se mani-

festaram em plena evidencia, é o sr. Bernardino Machado. Em uma conferencia publica, s. ex.º affirmou francamente o seu applauso ao movimento iniciado pelos estudantes contra a actual organisaçao anachronica do ensino. O governo mandou, por esse motivo, instaurar um processo academico contra o sr. Bernardino Machado, que chegou a escrever o requerimento pedindo a sua demissao, o qual susteve, porém, a conselho e pedido dos seus amigos.

Era natural, pois, que desejassem ouvir egualmente a opiniao do illustre professor sobre o assumpto, e para esse fim o procurámos.

Como o sr. João Arroyo, tambem o sr. Bernardi-

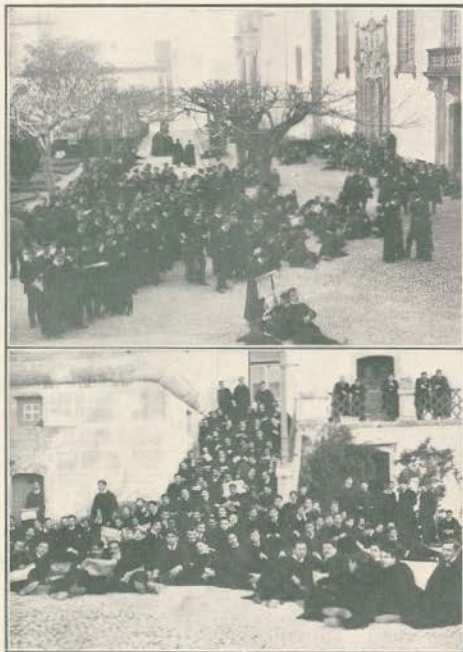
Machado pende de um modo decisivo para um procedimento benevolo, não podendo admitir que se proceda com rigor intransigente contra rapazes. No seu modo de vêr, a soluçao honrosa para todos seria ate facil. A Universidade nomearia uma commissao de lentes para estudar e propôr as bases da reforma do ensino e da disciplina, da qual fariam parte um estudante delegano por cada faculdade. Não seria caso para estranhiza de maior, afinal. Na Edade-Media, eram os estudantes que escolhiam os professores por meio de eleiçao.

Quanto á forma de resolver a questao de momento, decerto o ponto mais delicado, o governo deveria submitter o processo á revisao do conselho superior de instrucçao publica, e, quando, porventura, não houvesse meio de annullar a sentença dos decanos, resta-

va-lhe o recurso de propôr ao poder moderador a commutação das penas.

E' evidente que uma preliminar discreçao nos impedia de insistir sobre a situaçao pessoal do sr. Bernardino Machado. Não nos pareceu, porém, que o illustre cathedratice estivesse niamamente preocupado com a sorte que o espera.

E tambem os estudantes cremos que deitaram o coração ao largo. Os tres primeiros dias de greve em Coimbra representaram, ao que se calcula, a perda do anno para metade da Academia. Mas o seu hino de rapazes não lhes consentia recuar sem decair, nem deixar sacrificar isoladamente os camaradas tão duramente condemnados.



Grupos de grévistas no pateo da Universidade

Atacando o fogo do ultimo andar



Antiga bomba dos gallegos no pateo da Bibliotheca



Bomba a vapor do corpo de bombeiros na rua Capello



COMO SE ATACA UM INCENDIO O FOGO DO LARGO DA BIBLIOTHECA



Esperando a vez de entrar em serviço



Bomba braçal dos Bombeiros Voluntarios d'Ajuda

O senhor infante D. Affonso e o sr. conselheiro Emydio Lino da Silva na rua Ivens



Bo ba a vapor dos Voluntarios de Lisboa

O andar em que rebentou o incendio visto do Terraço da Bibliotheca

Subindo a escada Magyrus—O sr. Haense, inspector da companhia de seguros alemã, conversando com o sr. Prostes da Fonseca (Clichés de Renotiel)



MELIAPÔR

AS FESTAS DO TRICENTENÁRIO DA DIOCESE



MELIAPÔR festejou nos primeiros dias de janeiro a data gloriosa da erecção da sua diocese. Convidados todos os prelados da Índia e Birmânia, nem todos puderam acceder ao convite, mas enviaram representantes ou razões da sua não comparecência, com a mais amável cortezia. Nunca, na

historia da igreja da Índia ingleza, se viu uma solemnidade tão grandiosa. Entre as altas dignidades ecclesiasticas que assistiram á festa, viam-se o delegado apostolico, os arcebispos de Cranganôr, Verapoly e Madrastra; os bispos de Cochim, Daccá, Mangalore, Trichinopoly, Coimbatosa, Bangalora, Vizagapatam, Hyderabad, Ernaculam, Frichur, e o bispo coadjutor de Madrastra. O sr. patriarcha das Indias, arcebispo de Gôa, não pôde, por incommodo de saúde, fazer a longa travessia de dois mil kilometros que separam a capital de Meliapôr, mas enviou, como seu representante, monsenhor Martins Ribeiro, prelado domestico de sua santidade. Fizera-se também representar os srs. arcebispos de Pondichéry, Calcuttá, Bombaim e Agra e os bispos de Poona e Kumbákunam. Todos os convidados do

bispo de Meliapôr se alojaram no paço episcopal, no seminario e em casas vizinhas para esse fim especial alugadas.

Os festejos iniciaram-se a 5 de janeiro, com ornamentações e illuminações. A 6 começou um triduo solenne, dando-se depois principio ao programma

pelo numero da sagração do altar de marmore na crypta da cathedral, sobre o proprio tumulo do apostolo S. Thomé, sendo sagrante o bispo de Damão, arcebispo *ad honorem* de Cranganôr. Este altar, que é uma formosissima peça de arte, foi mandado fazer em Roma pelo prelado de Meliapôr: — é o unico no seu genero que existe hoje na Índia. Para o fim do anno espera-se o marmore para fazer a parede, o pavimento e as arcadas da crypta.

Na tarde d'esse dia, creanças de ambos os sexos executaram diversos exercicios de *sport* junto do paço episcopal; e á noite, no convento de Nossa Senhora do Bom Soccorro, realisou-se um sa-
rao dirigido pelos religiosos indianos. Em seguida, organisou-se a primeira peregrinação ao tumulo de S. Thomé, que foi uma manifestação imponentissima



D. Theotônio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, actual bispo de Meliapôr
(Cliché de Wiele & Klein, de Madrastra)

de Poona e Kumbákunam. Todos os convidados do

rao dirigido pelos religiosos indianos. Em seguida, organisou-se a primeira peregrinação ao tumulo de S. Thomé, que foi uma manifestação imponentissima

do fervor religioso e um espectáculo phantastico que jámais se apagará da retina dos que o presenciaram.

A 7 de janeiro, a missa pontifical foi celebrada pelo bispo de Mangalore, salientando-se os membros da capella de Santa Cecilia, composta na sua maior parte de padres e seminaristas portuguezes. Bodo a mil pobres, depois, na cerca da escola local de Santo Antonio; conferencia synodal no paço e segunda peregrinação. A 8, a missa foi celebrada pelo bispo de Cochim, sendo depois distribuidos no paço episcopal, pelas mãos dos prelados, vestuários a 100 pobres eurasiáticos e 300 indigenas. De tarde, bodo e distribuição de brinquedos a mais de 300 creanças pobres; e á noite, terceira e ultima peregrinação. Nos jardins do convento das religiosas franciscanas missionarias de Maria assistiram todos os prelados e representantes dos prelados a um delicioso espectáculo, representando as educandas o drama do cardinal Wiseman *A Felicidade de Rosenberg*. Terminou a recita com um *tableau* intitulado *A pesca mira-*



Retrato a óleo do primeiro bispo de Meliapor, D. Fr. Sebastião de S. Pedro—(Cliché de Souza & Paul, de Goa)



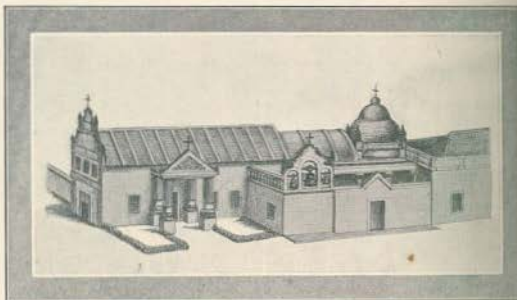
Pensionistas da escola dirigida pelas religiosas indigenas de Meliapor (Cliché de Mgr. Lopes)

culosa, que produziu um effeito maravilhoso; mas a esse effeito seguiu-se uma surpresa encantadora: — cada peixe, que as educandas offerciam aos prelados presentes, levava no bojo uma preciosa mitra, artisticamente confeccionada pelas religiosas, lembrança do bispo de Meliapor aos seus hospedes.

O dia 9 de janeiro foi o mais solemne dos festejos, porque era a data anniversaria, tres vezes secular, da erecção da diocese de Meliapor. Lord Ampthill, governador de Madrastra, concedeu cinco dias de feriado a todos os funcionarios publicos catholicos, por intercessão do senhor D. Theotonio Vieira de Castro. A missa de pontifical foi celebrada

pelo bispo de Meliapor, assistindo todos os outros prelados, de roquete e murça. Ao Evangelho, pregou o reverendo Guim, professor do collegio-lyceu de Trichinopoly, que n'uma eloquente oração recordou as paginas brilhantes da egreja de Meliapor.

Interpretando o sentir de todos, deu graças ao Altissimo por esta festa glo-



Antiga cathedral de Meliapor—Copia de um desenho—(Cliché de Mgr. Lopes, vigario geral de Meliapor)



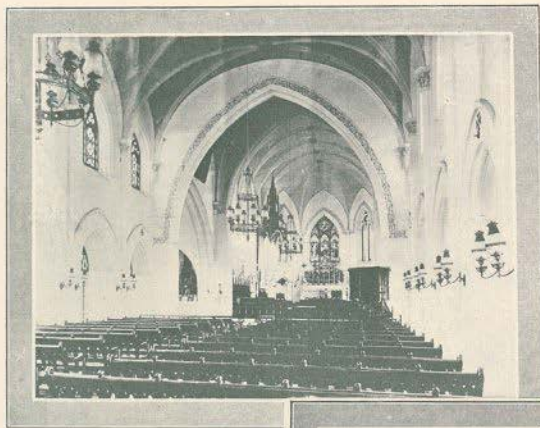
Professores e alumnos do Lyceu de S. Thomé de Meliapôr — (Cliché de Del Sufa & C.ª)

riosa para a Igreja, mormente n'uma terra de infiéis; descreveu a vida apostolica dos bispos e missionarios da diocese desde o seu começo até hoje; e

congratulado-se com o povo da India pelos seus sentimentos de gratidão e amor a gloriosa nação portugueza que ha tres seculos fundou a diocese de



Orphanotio indigena de Tangore (diocese de Meliapôr) dirigido pelos padres salesianos de D. Bosco — (Cliché de um indigena)



Interior da actual cathedral de S Thomé de Meliapor
(Cliché de Wiele & Klein)

Meliapôr e que muitos outros serviços tem prestado na India á verdadeira Igreja.

Seguiu-se a inauguração, no portico da cathedral, do retrato a oleo do papa Paulo V, que erigiu a 9 de janeiro de 1606 a diocese de Meliapor, pronunciando n'esse momento o reverendo prelado esta eloquente e commovida oração em inglez, dirigindo-se ao delegado apostolico:

«Trezentos annos de oração e

prégação! Trezentos annos de christianismo e civilização nos annaes d'esta região pagã, é sem duvida para a Igreja e Portugal uma recordação gloriosa e de grande consolação. Mas d'entre os famosos heroes christãos que tomaram parte n'esta obra apostolica, destaca-se, proeminente, a figura do successor de S. Pedro que deu o ser a esta diocese.

«Eis o facto, tres vezes secular, que hoje solememente commemoramos. A erecção da diocese de S. Thomé de Meliapor por Sua Santidade o papa Paulo V, a 9 de janeiro de 1606, é com effeito o faustosissimo acontecimento que toda a diocese com o concurso de tantos e tão illustres prelados da India n'estes dias, e especial-



Orphanologio de Sant'Anna annexo á igreja portuguez de Boitakaná, na cidade de Calcuttá
(Cliché de um indigena)

mente hoje, jubilosamente celebra. E para attestar ás gerações vindouras o hodierno e glorioso anniversario d'essa memoravel data, eu, o meu clero e o meu povo, resolvemos collocar no portico da nossa sé cathedral o retrato d'aquelle grande pontífice. E, feliz com a presença de vossa exoellencia reverendissima que dignamente representa n'estas regiões o venerando successor de Paulo V, tenho a subida honra de convidar vossa exoellencia reverendissima a desvelar este retrato que aqui é tambem o symbolo e tes-



Seminario Lyceu de Meliapor—(Cliché de Mgr. Lopes)



Alunos do Orphanologio de Meliapôr (Cliché de Mgr. Lopes)

temanho publico da nossa fé catholica e da nossa incondicional obediencia, lealdade e dedicação á Santa Sé Apostolica Romana.»

Monsenhor Saleski, delegado apostolico, respondeu dizendo que, como representante da Santa Sé, aceitava com grande jubilo e como grande honra o convite de descobrir e retratar do augusto fundador d'aquella historica diocese e fazer rasgados elogios á iniciativa de Portugal, que n'esta terra de infieis promoveu a fundação d'aquella diocese catholica.

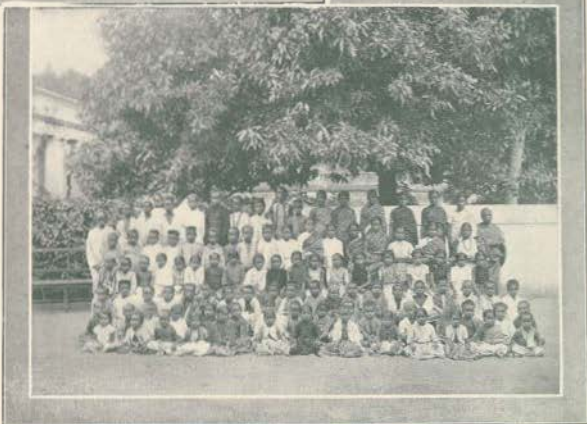
Em seguida foram expedidos telegrammas: a sua santidade o papa Pio X, pedindo especial benção apostolica para toda a diocese e para todos os bispos presentes; a sua

magestade El-Rei de Portugal, apresentando as homenagens dos bispos e seus diocesanos ao Real Padroeiro; ao senhor ministro da marinha congratulando-se com o governo.

O *Catholic Register*, órgão da diocese, publicou um esplendido numero unico allusivo á commemoração.

A capa continha quatro trophéus de armas: — o do papa Paulo V, o do primeiro bispo de Meliapôr, D. Frei Sebastião de S. Pedro, o do papa Pio X e o do actual bispo de Meliapôr, D. Theotonio Vieira de Castro. Na primeira pagina vê-se uma bella estampa do apóstolo S. Thomé que ha 19 seculos espalhou na India a obra gloriosa do Evangelho e n'essas regiões longinquoas encontrou o martyrio. O primeiro artigo é a acta consistorial de 9 de janeiro de 1606, erigindo a diocese. E' de notar que o papa Paulo V creou a diocese de S. Thomé de Meliapôr n'um consistorio que teve por fim exclusivo essa criação.

Encerradas n'uma pasta de pergaminho, fechadas n'uma caixa almofadada de seda azul e branca com fechos de prata, foram enviadas a El-Rei duas mensagens: — uma do clero da diocese, outra dos simples fieis diocesanos. Essa riquissima pasta é forrada de seda anilada, salpicada de lantejoila. Na parte exterior da frente destacam-se em lindas illuminuras as armas de Portugal



Alumnos externos da escola dirigida pelas religiosas indigenas de Meliapôr (Cliché de Mgr. Lopes)

com uma dedicatória a Sua Magestade, ao centro de um desenho delicado e artístico; e no reverso, também pintado à mão, as bandeiras de Portugal e da Inglaterra, entrelaçadas. Este trabalho foi feito por uma religiosa do convento das missionarias de Maria de S. Thomé de Meliapôr, que ha annos, na Austria, fez uma pasta semelhante para ser offerecida ao imperador Francisco José.

A cerimonia mais grandiosa e imponente foi a procissão, que percorreu cerca de dois kilometros, custando-lhe por vezes a romper a onda humana que se apinhava em todas as ruas. Chegando á Sé, subiu ao pulpito monsenhor Hurth, bispo de Daccá, que é considerado o melhor orador sagrado de toda a India, o qual descreveu o papel civilizador de Portugal na India. Seguiu-se o *Te-Deum* entoado pelo delegado apostolico.

À noite as illuminações foram brillantissi-

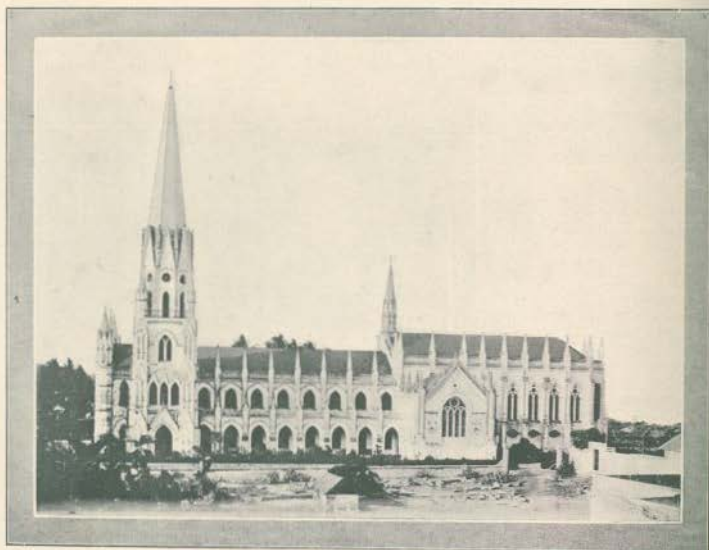


Professores e alumnos do seminário de Meliapôr
(Clichés de Mgr. Lopes)

mas. Realizou-se no paço episcopal um grande banquete, pronunciando-se dois brindes apenas: — do sr. bispo de Meliapôr a sua santidade; e do sr. delegado apostolico a El-Rei de Portugal.

No dia 10, realisouse a visita de lord Amphill, governador de Madras, a quem o sr. bispo de Meliapôr apresentou todos os seus hospedes e agradeceu a sua cooperação nos festejos. Lord e lady Amphill offerceram aos illustres visitantes uma taça de *champagne*. Lady Amphill promoveu n'essa tarde uma kermesse nos jardins e edificio do convento das missionarias franciscanas de Maria, realisando-se em seguida no salão do Orphanotrophio um concerto em honra dos prelados.

Nos dias 11, 12 e 13 retiraram de Meliapôr todos os bispos e representantes, sendo acompanhados á gare pelo rev. bispo D. Theotônio Vieira de Castro.



Cathedral de Meliapôr—(Cliché de Del Sufo & C., de Madras)



Religiosas indígenas do Convento de Nossa Senhora do Bom Socorro de Meliapôr

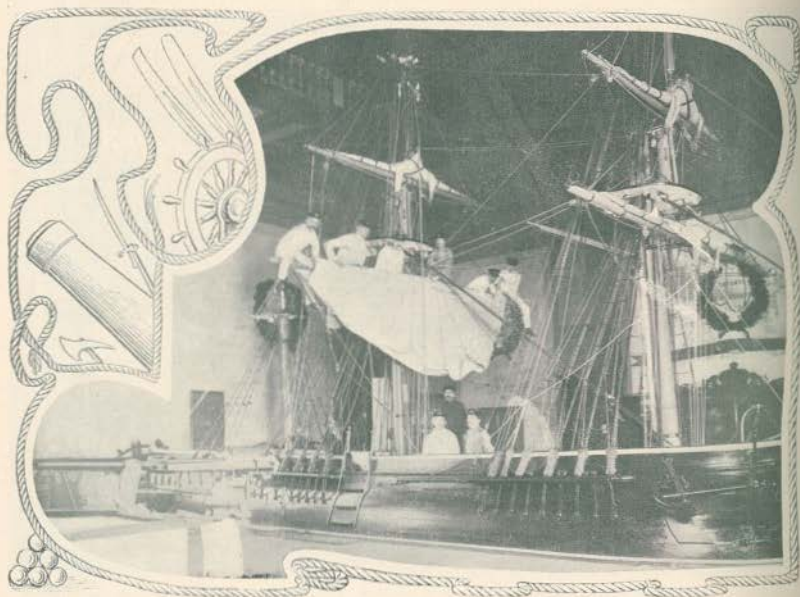


Religiosas, pensionistas, orphãs europeias e indígenas do convento das Franciscanas Missionarias de Maria, de Meliapôr
(Clichés de Mgr. Lopes.)

UM NAVIO QUE NUNCA NAVEGOU

Um muito illustre official da marinha portugueza, o Sr. Vicente Almeida d'Eça, falando uma vez aos alumnos da Escola Naval durante o acto solenne da abertura das aulas, evocava o formoso espectáculo do mar no tempo dos navios de vela, e d'elle fazia uma das mais impressionantes paginas que hão de ficar na nossa litteratura.

Soberba mole, alterosa sobre o nivel das aguas, roto o negro costa do pelas bocças de cem cruhões, ornamentadas as extremidades com esculpturas caprichosas e artisticas, ergue do ao céu a guinda elegantissima dos tres mastros, cobrindo o complicado avoredo com a



Alumnos do 2.º anno da Escola Naval risando uma gavela

extensa superficie alvinitente do velame, offerecendo ua linda vista praça onde, n'um momento, meio milhar de ho-mens chamados pelo trinar dos apitos ou pelo rufo dos tambores, accorriam vindos de toda a parte, uns das profundas das cobertas, outros das alturas da mastreação, e, ali, ou se alinhavam em extensas fileiras, ou se agrupavam methodicamente junto as enxarcias, ou em occasião de descanso se estendiam descuidosos — dizia — tal era a vida de tres pontes do primeiro quartel do seculo que passou, chegada ao apogeu da grandeza, da força e da gloria, exactamente quando iria soar para a illa a hora do desaparecimento.

Em tal navio as viagens, sujeitas aos ventos e correntes, eram longas e incertas. A vida de bordo era aspera e sempre descaroadada, quando o mantimento rareava ou se

raro ha quem lance os olhos ao mar para vér chegar a linda armada, onde venha algum bello cavalleiro enamorado, que nos diga de proezas em terras de mouros e gentios.

Nem o marulhar das ondas, o rugir do vento, o bafejar da brisa bonançosa, o rutilar do sol dourando as nuvens do poente, o alvôr da lua a espelhar-se nas aguas, o arfar do navio em calmaria, o ranger das pranchas, o estalar dos mastros do misero barco naufragando, inspiraram, em sarauos do paço ou em noites de lareira, as musas de jogras e trovadores.

O mar era um elemento pavoroso. A xacara da *Nau Catharina* só nos fala dos pavores e riscos da fabulosa nave.

Com certeza se perderam xacaras e solaus, porque nos



Subindo para largar (alunos do 2.º anno)

carrompa, quando a falta d'agua proporcionava o mais terrivel supplicio que pode conceber-se.

Mas, em tal navio, o official sentia-se verdadeiramente heróico, tinha a visão nitida do poder da sua intelligencia, palpava por assim dizer a sujeição da natureza ao genio do homem, quando, pela manobra acertada e opportuna, elle o fazia mudar de rumo, virando de bordo, ou o obrigava a estacar, atravessando, ou o esporeava para a liza com o temporal, dispondo-o na capa, ou cedia ao furacão, mas, cedendo, do proprio furacão se servia para salvar o navio, arribando e correndo em pópa...

Pena é que no romanceiro portuguez sejam tão poucas as canções em que se contam historias de navegantes, as lendas dos navios e das suas viagens trabalhosas. Muito se fala de mouras encantadas, de guerreiros que voltam da Terra Santa, de princezas, pagens e tangedores, mas

castellos das naus da frota, nos longos quatro selvados das carreiras da Asia e da Guiné, não faltou improvisador, que ao som da toada popular recorda-se memorias de audaz varivel ou caravela avistando os alcantús de ilha mysteriosa, ou enxergasse por noite de tormenta algum gigante coroado de fulgidos relampagos.

Que formosa historia popular, que Livro d'ouro de tradições, a transmitir de paes a fillos, de avós a netos, seria esse romanceiro! Como elle, nas solidões do mar e depois no remanso da familia, desde a nau de guerra ao hotel do pescador, do palacio fidalgo á choça mais humilde, levaria a fama de altos feitos, a historia immorredoura d'uma nação de luctadores!

Inspirados na «Chronica» de Azurara, nas «Decadas» de João de Barros, ou nas «Lendas» de Gaspar Correia, quantas e quantos patrioticas xacaras de descobrimentos e

conquistas a realizar pelo engenho de poetas e tropeiros, sobre esse encantador modelo da *Xacara dos Pilotos*, do capitão de mar e guerra Braz de Oliveira...

Sopra rija a ventania
Açoutando o littoral
D'aquellas dunas desertas,
Caminho do cabo austral
Onde a Lybia vae linda
N'uma serra colossal
De medonha penedia,
Termino negro e fatal
Do mundo... Não ha montal-o...
Afrontando o temporal
Profiam as caravelas
Do heroico Portugal.
Caravelas de Lisboa
São lindas a navegar

naval, transformou-se o trabalho do official de marinha.

D'antes, tinha elle de ser manobrista, tactico, conhecedor das variações do tempo. Agora ha de ser tambem mecanico, chimico, electricista.

Encerrado na torre do commando (volta á fala o official illustre aqui citado no começo), vendo de frente dos olhos estreita fresta enquadrada em aço, d'onde mal pôde abranger o sufficiente do horizonte, tendo ao alcance das mãos a complicada colleção dos manipululos e botões com que ha de transmitir as suas ordens aos diversos pontos do navio, elle é o centro de todo esse complicadissimo organismo que lá em baixo se agita em palpações de fogo e em cima resfolega em expirações de fumo.

Distribue-se por todo o navio a circulação do vapor, como se fóra o sangue de um corpo animado; percorre em todas as direcções a rede delicada dos conductores electricos, que são como o seu systema nervoso; são as armalhas o estomago insaciavel que devora toneladas de car-



Alunos do 1.º e 2.º annos da Escola Naval:—Leitão, Balthario, Sousa, Ellston, Fortee Rebello, Pinto, Silveira, Santos Pedro, Castro, Balsemão, Oliveira, Moraes de Carvalho, Aranha, Portella, Coelho, Sá Chaves

Com a rubra cruz de Christo
Nas velas a rebrilhar.
São cinco de negro casco
Todas cinco a mourejar,
Com seus latinos caçados,
Contra o vento a bordejar.
De dia viram na terra,
De noite viram no mar,
Para ganhar barlavento
O fero cabo montar!

Não voltará mais o navio de vela para o serviço militar. Hoje domina o vapor que substituiu o vento, o aço que venceu o carvalho, a electricidade que expulsou o oleo.

O navio de vela era a gaiivota gigantesca que voava serena sobre as aguas; o navio de vapor é o monstro informe, vomitando fumo e chammas, que atravessa essas mesmas aguas em vertiginosa corrida.

Com a transformação da estructura do navio e da arte

vão; os cylindros, com os movimentos alternados do diáfragma, são como o coração dando passagem, impellindo e regularizando o sangue que circula...

Tem o official de marinha de ser perscrutador arguto, constante, incansavel, dos segredos da natureza; tem que a estudar em cada dia, em cada instante quasi, as suas manifestações mais solemnes e mais variaveis: cá em baixo o vento, o mar, o magnetismo, as nuvens; lá em alto o sol, as estrellas, a lua, outros planetas...

Tendo de ser astrónomo, meteorologista, diplomata, zootilheiro, hydrographo, electricista, mecanico, entendido nos serviços de administração tanto naval como ultramarina, pois bem podem chamal-o a superintendentar nas industrias maritimas, navegação mercante, pescarias, e outras — facil é de vér que multiplicidade de funcções exige do moderno official de marinha a nação de que elle se tornou servidor, e como devem ser variadas as aptidões que tem de desenvolver.

D'antes, não. E não vae tão longo o tempo em que as coisas eram muito outras, que não vivam ainda, são a

secreitos, embora se lhes tenham embranquecido os cabelos e aplacado de todo os impetus da mocidade, almirantes e officiaes que com saudosa recordação o testemunham.

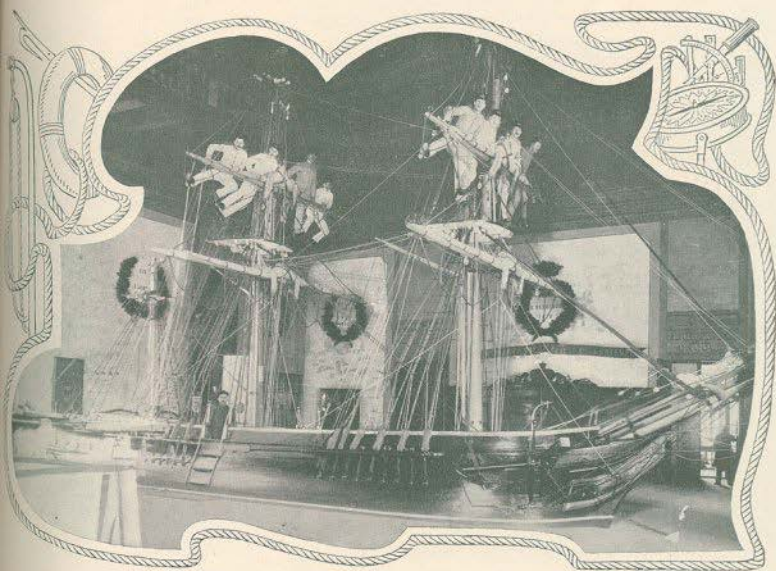
O ensino com orientação designadamente scientifica das ciencias navaes, sobretudo na sua applicação directa á instrução dos individuos destinados aos serviços da marinha militar, só começou a organizar-se com regularidade a segunda metade do seculo XVIII.

Depois das prolongadas luctas motivadas pela guerra de restauração, nas quaes entraram quasi exclusivamente tropas terrestres, o primeiro impulso de reorganisação da esquadra portugueza data do reinado de D. Pedro II. Mas ao tempo de D. José I é que se pensou em dotar os officiaes de mar com uma educação profissional adequada.

descommunal considerado apenas como um navio... de sala.

Apparelhado a corveta de tres gavesas, a sua mastreação chega até aos madeiramentos superiores da sala immensa. Foi certamente, em tempo de que já nenhum vivo se recorda, navio-modelo; e depois recebeu do espirito jovial dos guardas-marinhas o nome de corveta *Paciencia*, talvez pela muita que elle deve ter para supportar as tropelias dos buliçosos alumnos sobre o seu antiquado apparelho.

A *Paciencia* é um navio que não só está fóra do quadro, mas fóra de moda tambem. Só se comprehende que elle tivesse servido á aprendizagem de officiaes de marinha que depois se tornaram famosos quando, por exemplo, se considera quanto nos antigos navios de vela eram mais numerosos do que nos de hoje as machinas e apparelhos



Preparando para largar o panno (alumnos do 2.º anno)

A Academia Real de Marinha foi creada em 1779, e só em 1845 é que a transformaram na Escola Naval.

Havia então muito menos sciencia, por não ser precisa tanta para bem satisfazer ao usual serviço de calculador, artilheiro e manobrista.

A manobra era a parte brilhante da carreira, e ser navegador e marinheiro o que mais importava ao official das corvetas e brigues de vela.

Quem alguma vez entrou no edificio onde está a Escola Naval, o que prolonga, a toda a extensão da rua do Arsenal, a construção pombalina dos ministerios, muito pouco curioso seria se não encaminhasse seus passos até á chamada sala do Risco, digna de ser vista por sua enormidade.

Aí se acha, atravessado, á entrada, um navio que, se não seria de grandes proporções quando lançado ao mar e posto a navegar a todo o panno, se agora, e é realmente

destinados á manobra das ancoras, trabalhos estes da maior difficuldade pela deficiencia dos meios materiaes.

Os meios mecanicos e as applicações do vapor vieram simplificar essa faina e pôr de parte os processos engenhosos de que os velhos se serviam para manobrar as ancoras, e em que era necessario empregar toda a guarnição do navio.

O cabrestante e as amarras de patente, os mordedores, os turcos de ferro, as proprias ancoras aperfeiçoadas vieram fazer passar á historia alguns d'esses processos em que tanto se ostentava a sciencia e a competencia dos antigos marinheiros.

Só muito raras vezes se terá hoje de suspender com o cabo d'ala e larga, e seus mixelos, ou com o apparelho real. Fazer uso das amarras de linho, do velho apparelho do turco, do lambareiro e pau de patarráz, é coisa de que já quasi ninguem se lembra. E nas estralheiras do mastro

do traquete e até no mastro grande já nem ha quem pense!

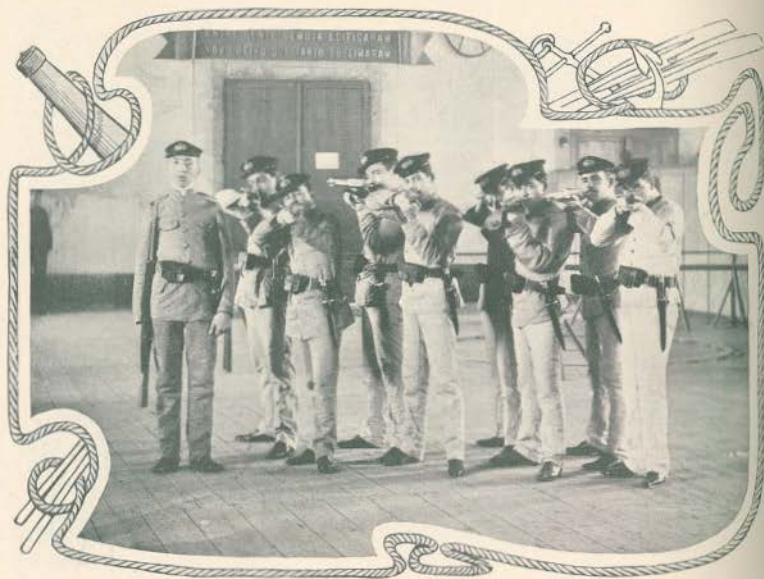
Fazer de vela um navio de guerra com bom tempo, e em porto frequentado, foi manobra em que sempre puzeram esmero os nossos officiaes de outro tempo. Por ella se avaliava bem da disciplina da guarnição e da pericia de quem mandava. Tinha tudo isso um pronunciado cunho marítimo, e marcou epocha. Era theatral.

Os modernos navios de combate, verdadeiras fortalezas fluctuantes, onde já não ha mastros e muito menos panno, se não podem executar taes manobras, ainda assim podem usar de grande parte do cerimonial marítimo, o qual só indica boas relações e cortezia entre nações amigas e não já reconhecimento de superioridade como foi em tempo antigo.

Para tudo quanto seja largar, caçar, ferrar, rizar, aba

rondem-lhe o aparelho do turco, arriando a porção de amarra necessaria para que ella, ao direito da amura, fique suspensa do turco pela talha do lambareiro e espalhe-se; e, passada a boca de ré, podem desengatar osapparelhos... Nada. A *Paciencia* não arredará d'ali uma braça, nem ao menos um pé craveiro. Parece uma corveta — de pedra e cal!

Digam-lhe toda a epopéa que Portugal escreveu nos mares com as quilhas dos seus navios. Enthusiasmam-na com a historia d'essas barcas frageis que foram, ao serviço do Infante, alargar a tão longe a geographia. Contem-lhe o denodo d'aquella caravela que foi, com as antenas arriadas sobre a borda, a defrontar as furias do Tormentoso. Sacudam-lhe a fibra com a evocação formosissima da nau redonda do Gama. Recitem-lhe os *Luziadas*. Ponham-lhe à roda uma farandola de tagides a fazerem-lhe cocogas no



Manejo de fogo (alunos do 1.º anno)

(Cliché de Brunelié)

far o panno, carregar papaligos, gaveas ou joanetes, largar as bolinas, tezar as talhas do lais, salto às adriças e alar os braços das gaveas — serve a corveta *Paciencia* às mil maravilhas. Vergas, enxarcia, moitões, cabos e cordoalha, nada lhe falta, e tudo em seus logares e conservado a primor.

Mas desde que se trate de saber o que seja pôr um navio de capa rigorosa na defeza contra algum formidável temporal; ou fugir ao tempo só com a polaca e até em arvore secca; ou não perder os mastreos com algum salto de vento — já a *Paciencia* não serve.

Para tudo quanto, na arte de marear, diga respeito a calmaria, eucalhe sem remedio e ancoradouro, outra vez é ella optima.

Mas não lhe falem no «fazer cabeça» que o mesmo é convidarem-na a iniciar a rotação para qualquer dos bordos. Ponham-lhe a ancora a olho, engatem-na no anete,

costado e a quererem vêr se a levam para uma patucaza fora da barra. A nada se moverá o monstro!

Nunca, para honra nossa, outro navio portuguez se sustou assim com o medo dos riscos do mar alto. O unico risco com que o medroso arrosta é o da própria sala onde se acha fundeado.

Todavia — curioso facto — numerosos tem sido os guardas-marinhas que, não tendo tido para se adextrarem na arte de sua paixão calhambeque melhor e mais ouzado, da *Paciencia* saltaram para navios a sério e logo n'esses se mostraram marinheiros de denodo e tino.

E' que se a *Paciencia* não teve, por sua sina, a gloria do parentesco de tantos outros navios nossos que a tão longe foram e por mares nunca d'antes navegados, tem elles ainda, todos esses moços officiaes da armada, a correr lhes nas veias, globulos do mesmo sangue dos nossos navegadores de então.

NOVA RELIGIÃO EM PORTUGAL A IGREJA ADVENTISTA



Um facto singular da nossa época é o revivescimento do sentimento do sentimento religioso, que ha alguns annos se está produzindo em todos os paizes de mais acentuado espirito materialista. Parece, até, que atravessamos actualmente um periodo de gestação de religiões, e que a poetica imaginação antiga criadora de mythos não está, como podia suppr-se, de toda esgotada. O homem não se cançou ainda de fazer deuses.

As seitas modernas que enxameiam pelo mundo são numerosas. Umhas contam exercitos de crentes, outras apenas algumas duzias de fieis. O protestantismo, principalmente, tem prolificado de uma maneira exuberante, sendo quasi interminavel averiguar quantos filhos legitimos e esurios tem espalhados pela Europa e pela America.

A religião adventista, que ha trez annos appareceu em Lisboa, é um d'esses rebentos da arvore evangelica, novo de pouco mais de meio seculo. Foram os Estados Unidos que exportaram para Portugal o credo adventista, conjuntamente com o seu trigo e com a phylloxera. O apostolo incumbido de nos trazer a boa palavra foi o sr. Renfro, que desde setembro de 1904 se acha entre nós a prégal-a, tendo conseguido já obter uma duzia incompleta de adeptos. No Porto, outro apostolo, chegou o anno passado, continúa a missão.

Os leitores talvez queiram saber, por curiosidade, em que consiste a doutrina adventista. Não é coisa muito complicada. Da mesma fôrma que succedem em todas as outras seitas protestantes, os adventistas devem lêr a Biblia e seguir os seus preceitos. Devem guardar o sabbado, cumprir o decalogo mosaico, e, eguaes ainda n'esta parte aos judeus, é-lhes defeso comer carne de porco. Devem beber agua pura. Não devem fumar. Deixámos para o fim, porém, o preceito mais importante, a obrigação basillar da doutrina e que constitue a razão de ser do seu nome. Acreditam no proximo advento de Christo, que outra vez descerá á terra, para destruir pelo fogo o mundo impuro e peccador e levar para o ceu, no seu carro de nuvens, os justos que seguem a doutrina do adventismo. Pelo que toca á data da chegada de Jesus Christo, o sr. Renfro tem demonstrado nas suas predicas, com argumentos de indiscutivel solidez, que o fim do mundo está por pouco. O desaustinado progresso da sciencia e da industria é um symptoma



22

D.	21	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	Sab.
	1	2	3	4	5	
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

- 14-Paschoa
 15-21 Paes Asmos 1.-Lua Nova
 15 e 21 Sabbados Annuaes
 16 As Principias Pentecoste, 50.
 10 Expiacão
 15-22 Tabernaculos
 15 e 22 Sabbados Annuaes

Não terás outros deuses diante de mim.
 Não farás para ti imagem...
 Não lembrarás o nome do Senhor...
 Lembra-te do dia do sabbado para o santificar...
 Não matarás.
 Não adulterarás.
 Não furtarás.
 Não dirás falso testemunho contra teu proximo.
 Não covardarás a casa do teu proximo...
 Não covardarás a casa do teu proximo...
 Não covardarás a casa do teu proximo...
 Não covardarás a casa do teu proximo...



tempo adventista. Esse templo não possui imagens, e a sua decoração é simples, consistindo principalmente em pannonos pintados, onde estão inscriptos versiculos do Velho e do Novo Testamento e numeros para a comparação de diversos textos biblicos entre si, ou desenhadas figuras que

claro do fim proximo. As recentes catastrophes cosmicas e irregularidades meteorologicas são um signal evidente da aproximação dos tempos. Não tem duvida. Nós todos vamos assistir á grande tragedia final do ultimo dia da vida na terra. D'esta vez é certo. E, se por acaso muito extraordinario, não formos nós que assistimos, serão então os nossos filhos.

E' escusado explicar que o templo dos adventistas não contém imagens, visto já termos dito ter esta nova seita provindo da igreja evangelica.

Tal é a doutrina, que se prega, ás quartas-feiras e sabbados, na modesta sala de uma casa vulgar da rua de S. Bernardo, onde está o

O Sabbado do Senhor - O Setimo Dia.
 Peccado - A Transgressão da Lei.
 Evangelho de Jesus Christo.
 Espirito da Prophecia.
 Dizimos.
 Fé no Evangelho.
 Obra do espirito Santo.
 Reino de Graça.
 Sacrificios, Offertas.
 Sabbados Judaicos.
 Sanctuario Typico ou Terreste.
 Baptismo.
 Ordenança da Eucaristia.
 Ceia do Senhor.

significado symbolico não é, por vezes, muito facil de apreender.

UMA TARDE DE SPORT — NO HIPPODROMO.



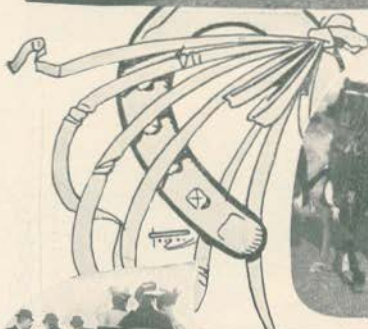
O renascimento do nosso *sport* tradicional da cavallaria, devido principalmente aos esforços intelligentes e dedicados do sr. conde Font'Alva, continua despertando o maior entusiasmo e interesse. Depois dos saltos de obstáculos na pista de Palhavã, de que a *Ilustração Portuguesa* reproduziu os principaes aspectos e episodios, seguiu-se a corrida no Hippodromo, a que se refere a serie de photographias que hoje publicamos.

Tivemos já occasião de



acentuar a conveniencia d'estes exercicios e de aplaudir a bella intenção dos seus promotores. Por constituirem, em regra, um divertimento, as manifestações de *sport*, de qualquer natureza, não deixam por isso de ter tambem uma utilidade pratica. Ainda quando não possuam outra, são, pelo menos, um elemento valioso de desenvolvimento phisico. Assim se tem sempre pensado em todos os paizes illustrados, começando pela Inglaterra, modelo primario do genero.

A equitação é, entre os diversos *sports*, dos mais elegantes e aristocraticos: o que se radicado esteve sempre no gosto nacional.



O picador Coeiro—O sr. Eduardo Romero conversando com madame Carvalho da Silva e mademoiselle Rocha e Sr. e o sr. José Amado—Madame Mendonça e o sr. conde de Font'Alva conversando com o general Damasceno Rozado—João Tenente Reis, conversando com senhoras da sua familia

que deu lustre, no tempo passado, á cavallaria portugueza, uma das mais primorosas do mundo.

Os concursos hippicos teem, além d'isso, o merito de promoverem o acrescimo e aperfeicoamento da produçao cavallar no paiz, o que, como todos sabem, corresponde a uma necessidade da nossa economia agricola e do desenvolvimento da nossa cavallaria militar.



Um salto de obstaculos—Uma equipagem elegante—Presenciando os exercicios—Na expectativa.....—Um salto arriscado
—Anciedade!—Preparando-se para o regresso a Lisboa—Um grupo de elegantes

(Clichés de Benoitel)

SUA MageSTADE
 A RAINHA
 EM VILLAMANRIQUE
 = REGRESSO =
 A LISBOA



Sua Magestade a Rainha na ocasião do desembarque recebendo os cumprimentos — Sua Magestade a Rainha, Sua Magestade El-Rei e os Príncipes — Dirigindo-se para a carruagem — A Rainha
 Sua Magestade a Rainha, com sua mãe a sr.^{ta} condessa de Paris, suas irmãs, o sr. duque de Guise e os príncipes portugueses no palácio de Villamanrique. Clichés de Benoitel e J. Barrera, de Sevilha.

SOLIDARIOS COM COIMBRA!

NAS ESCOLAS DE LISBOA.



Chronica d'um revoltado

IMPRESSÕES MEDIEVAES DE
 UMA VISITA A COIMBRA
 O ADAIL DIAS DA SILVA
 E OS SEUS SUBORDINADOS
 POLICIA, POLICIA E MAIS
 POLICIA O SEU PORTE E
 AS SUAS OPINIÕES NA LU-
 SA ATHENAS EPISODIOS
 E INCIDENTES ASPECTOS
 PASSADOS E PRESENTES
 UMA CHASOURADA E PA-
 VOROSA VISÃO.

M^R. Kingston, redactor
 do *Times*, o meu es-
 clarecido amigo, um
 saxão espadaudo, vermelhus-
 co, crente e letrado, que



traz constantemente florida a sua botoeira
 com a mais viçosa orchidea dos jardins do
 Reino Unido, interpella-me singularmente,
 pois tendo constado em Londres—via Sou-
 thampton—que existe em Portugal uma Uni-
 versidade, elle deseja informar bem segura-
 mente «a sua forte e sisuda patria ingleza
 e suas gentes, do ardente e travado confli-



No Instituto Industrial—Um grévista em evidencia—A Escola Polytechnica guardada pela policia
 —A' porta do Instituto Industrial—Vamos para a greve!



cto universitario. Pede-me em palavrinhas curtas um esboço de linhas amplas e variadas, sem notas dissolutas como um arregaçar de liga ou um triturar surdo de sedas por sobre a plastica d'uma mulher galante, mas tão sómente a physionomia do caso, prompto a transformar attentivas as frentes severas dos Lords do Almirantado ou a fazer sorrir com um interesse chic e uma mal dissimulada commoção as suaves bellezas de suas mais aristocraticas leitoras.

Incompatível, meu caro Kingston, totalmente incompatível. Agita-me um fogo de revolta e ousadia temeraria, tenho febre e orgulho, não quero que a minha

No lyceu de S. Domingos: «Nos quoquel...»—A vér no que param as modas!—Um pequeno grupo na porta ao lado do lyceu—O feminismo nos lyceus: duas grévistas—O professor Eugenio Pacheco, cercado por um grupo de alumnos á saída do lyceu
(Clichés de Valerio Santos)

velice mal aquecida deslize penosamente n'um arrependimento dos meus vinte annos, e embora o meu furor o perturbe a você, á Camara dos Lords, á Constituição inglesa, a Balfour e Churchill e ao setimo Eduardo, eu confesso-lhe que me sinto retincentamente demolidor e verneio, como se agora juntando minha alma e minhas crenças ás da multidão eu fosse em inebriada romagem juncar de rubras papoulas a campa de Bakouline, ou acompanhasse entusiasmado guillotina o homem que no mundo inventou a mentira e o Mal, o vicio e a miséria, o erro e a tyrannia, a amargura das lagrimas e toda a cruciante e funda essencia da Dôr.

Lembra-se, meu bom Kingston, d'aquelle manhã solemne e bellicosa em que nós, perdidos no oriente extremo na repartage incruenta d'uma grande e natural tragedia humana, acordámos por entre um tropel immenso de gente que se aprestava para um vasto lance guerreiro: O marechal Oyama, tomando aos pillos uma chavena fumegante de chá, marcara a victoria para a meia hora após o sol alto do meio-dia, filas cerradas de entes amarellos, vivos, pequenos e endemoninhados, agitavam-se em toda a extensão da planicie, as tropas japonesas iam atravessar o Yalou, você, empilhadas umas palavras santas de Jeremias, fumava pacatamente o seu cachimbo, riscando o *bloc-notes* e eu a um canto, fiorento e preguiçoso, amaldiçoando a guerra e os guerreiros, embulhava tranquillamente um cigarro de tabaco *superior*, lusitaninho, bem lusitano.

Pois assim foi em Coimbra no dia 8 de abril de 1907. Mal a nevoa densa da manhã se esfarrapára nas alturas, cullendo e alfim pondo a lume a molle tebranceira do pesado templo universitario — aquelle palco de Aragi-comedia surgia tristemente engalanado, n'uma luz e apparato extranho, mais que nunca as paredes do velho burgo mergulhadas na recosa surpresa de uma galharda e clara investida. Desde que na vespera na indecisão cahida do crepusculo o sino conventual annunciára timidamente aulas para o dia seguinte, foi um decorrer de horas agitadas de somno, no tropear dos almocadens e fundibularios, acostados, flutuezes e infanções, cerrando quadrilhas á voz forte do coudel, os bêsteiros recurcando as bestas, toda a mesnada aprestando-se por entre os latidos rancorosos dos lebreus, porque as ordens do veterano prelado eram terminantes, e o sr. tenente coronel Dias recebera n'um pergaminho, em traços escuros, a resolução ultima de erguer a levadiça e manobrar furiosamente os engenhos de arremesso. . . A' porta-ferrea o adail, tisanado, de olhar incendiado, fronte resoluta e porte olympico, postado o donairoso perfil sob a vista algaída d'uma regia e enclachada figura afonsina, não trahia o ardor dos modernos heroes da ordem publica. S. ex.ªr que me dá por vezes a impressão de estar com um pé na es-



Antes da partida para Coimbra: A' porta e nas proximidades do Café Gelo

(Chichê e Benolidel)



Os alumnos do lyceu do Carmo
A' porta do lyceu de S. Domingos

quadra do Beato e outro na conferencia da Haya, iracundo e conciliador, feroz e meigo, brutal e lamecha, uma trovoadra e uma aurora de maio, estava n'aquelle dia mais porfiadamente solemne e bonapartesco que nunca, até attribuladamente sympathico. A Policia, oh! a Policia, eu como a Policia de luvas brancas e botas largas, bigodachas hirsutas e solidas perações, quero-os assim negros e rigidos, enormes e serenos e de forma alguma concordo com a magnifica melancholia d'um companheiro de *republica*, que vem de Lisboa com a cabeça em rotação por via do resplendoroso e honestissimo perfil da signorina Tina di Lorenzo e que ha pouco teve nas faces o caloroso contacto d'uma mão cabelluda de cabo de esquadra, no mais embriagado momento em que sonhava celestiaes curicias da genial creatura. E que familiaridade, que planta, que energica altivez da minha raça. A Academia é unanime em proclamar a sua admiração pelas dimensões e opulencia de carnes dos representantes destacados da autoridade central de Lisboa. Um d'elles já sabe dizer que é susceptivel de direitos e obrigações, outro mais romantico anda-me aqui a rondar a porta sem saber onde ha de pôr as mãos, mas tendo completo engenho para me desinquietar a *servente* que tem andado hoje a fazer tudo arreladamente ao contrario; e então lhes quero transmittir o episodio capital d'um melhor que todos, no refervido e summamente intellectual cavaco da assembleia de uma livraria, dando pançadinhas aos lentes, e a segredar-lhes por entre arrótes de peixe frito: «Nós cá os *intellectuaes*...»

Lobriguel-os ao romper silencioso da manhã escoltando as intenções e pessoas algemadas dos

expulsos mais eloquentemente rebeldes. E retemplei-os, com reprehendida raiva, esclatando sem cerimonia os puidos degraus da Via Latina, affrontando, de barrete enterrado até às orelhas, a atmospha agitada dos geraes, e, em franqueza, vae-me no intimo surda magua, se não ter escutado á pranchada uma preleção sobre Direito, porque eu ambicionara ir, amarrando ao meu o braço tremulo do velho Spicker resuscitado e cobrindo as costas a Krynke, passar umas vinte e quatro horas ao inverno civil de Coimbra.

Uma coisa, porém, mais que todas as outras não perdão: não se terem apresentado à vista. Assim não, de briche engraxado, todo esse exterior prosaico e desenxabidamente appannoso, julgara-os vêr cingidos de briol sob a chapado cota, batendo com os sapatos ferros a asphris do mosteiro, espalmando os guantes, promptos a sacudir a ampla espada do cinto e muito gulozos por bolos de mel, sorvenços sacos de cerveja e vasando odorifera pinga no picheiro de toscó e escurecido barro. Assim os acreditara, lograda a arte e a tradição, somaticamente arrimados a um varandim da Via Latina. Já me ia esquecendo que em tomo formia uma onda generosa e galbarda, voltando capas negras, erguidas as frentes no mais elevado gesto de revolta e salutar demolição que registam os factos da Academia Portuguesa.

Um pouco além, em lobregas enxovias, camaradas, a pé firme, fugindo ao contacto das paredes humedecidas, onde antes o mais fangoso faccinora de Coimbra tinha assignalado a sua passagem n'um traço immundo, comovavam, altivos e isolados, o seguimento e a



O lyceu do Carmo
O lyceu de S. Domingos

ga do seu desfraldado brado de insubmissão. Tudo foi uma aneddota amargurada, que agora va conto, reprimindo o riso de uma ironia funda e sã, o innocente e unico agradecimento que uns vinte annos bem tépidos e generosos sabem espontaneamente enviar a quem os opprime, lha calca os designios e as idéas rubras; julgando arrancar cerces, *hélas!* as raizes fortes do mal, que no futuro, — eu o sonho, — hão de acientar, em pujante e livre luminosidade, as almas tenras de nossos filhos.

Vamos ao caso. Planeára-se a marcha revolucionaria com reserva e sigillo baldados. Os rapazes, embarcando em Lisboa, tinham primeiro comprado bilhete para Santareo, e em successivas *démarches* até Taveiro, oh, maravilha!, onde providencialmente os aguardava com burlesco estare um solido e variado programma policial. Ainda no comboio um *revisor* amabilissimo interrogára-os sobre o seu destino: um *bufo* — á shida em Taveiro, um cavalheiro armando em troca-bilhetes sollicitava-lhes uma pressurosa resposta ao talho: outro dito *bufo*. — Alguem acerca-se-lhes pedindo lume; mais outro. Na boieira d'uma carruagem um cocheiro convidou-os diligentemente e por modico preço a subir: ainda outro. E logo adeante, clareava já a manha, pelas alturas de Bemcanta, os collegas, conscienciosos do lance e situação, tinham o encontro d'uma numerosa escolta a pé e a cavallo, a guarda de honra que os conduziu com mão firme aos ferros d'el-rei.

As primeiras horas penitenciarías foram desoladoramente incertas. Nem bancos, nem exergos, nem ar, nem luz. O Pinho Ferreira, farto de estar em posição *de sentido*, enrolou a capa



Vamos para a frente! — Discutindo a parede



A algazarra dos alumnos do lyceu de S. Domingos Contem connosco!

e pendurou-a nos varaes da masmorra, improvisando um assento á laia d'aquella boa gente de Calliza que faz fretes e a festa do cuco. Negavam-lhes qualquer coisa simples e bondosa; *não se come* alvitrou logo Campos Lima, recordando um *truc* lido em paginas descriptivas de existencias de irmãos revolucionarios decorridas em calabouços. As noticias iam em pequeninos bilhetes transmitidos *no péo*. E assim elles passaram quarenta e oito horas na suave alçada da benevolente gente, que manda.

.....
 La de cima, da torre de menagem, um homem velho e herculeo, que deve ter servido ás ordens de Mac Donell e do brigadeiro Povoas, de acinzentada péra e espaçosos oculos, agitava um capello vermelho, reclamando vingança brava com um espadão desembainhado; verdeas foragidos acolhiam-se aos cantos, a pingar suor frio, sustendo a custo a inoffensiva alabarda; o sr. Benoliel, que em rasgos de americanescos *o já cá canta* quasi foi surprehender o nosso venerando prelado a apertar o ultimo botão dos suspensorios, tripudiava exultante e omnipresente; a dentro das portas cerradas da sala dos Capellos vinha um vozear tremendo de discussão acalorada pois todos os magnates de regia estirpe se tinham voluntariamente apeado das escurcidas télas, fartos de tanta poeira, tanto bafio e tão somnolenta expectativa; e pela escada que tem o patrocínio da ignorada deusa Minerva, galgando a quatro e quatro, ia aos rebolões uma chusma apavorada de gente illustre e cathedratice, de velhos, a fugir, a voar, como um automovel Richard-Brazier. Uns cantavam a Carmagnole, outros assobiavam o Maxixe; ia na frente o João das Regras, sobraçando grossas, atreagando



Cumprimentando o professor
— Uma manifestação infantil — O lyceu de
S. Domingos sae todo para a rua

atrapalhadamente o saio e contrahindo pela primeira vez na sua vida a sisuda fronte n'uma phenomenal e extranha gargalhada; Pombal, um pouco preso da gotta, caminhava atraz, amarfanhando nervosamente na mão um rolo de papeis, carrancudo e a murmurar umas coisas desagradaveis. Baixavam as horas tristes da tarde, e um bando de corvos cortavam os ares, grasnando ruidosamente ao dobrar as barbacans universitarias, e sumiram-se nas alturas, invejando as regiões das aguias, como se um supremo e ironico desdem os repellisse da vista d'aquella esphacelada e fria carcassa! Abalei tambem, encalafetei-me fervorosamente em casa e pedi por favor á sopeira indomita que me arranjasse ao menos uns *huevos revueltos, bien revueltos e asazonados com pimentia.*

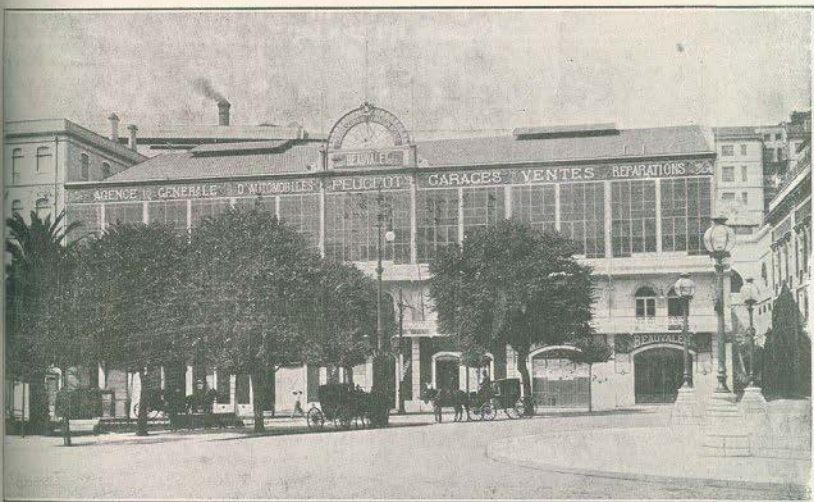
UM QUINTANISTA DE DIREITO.



Futuros revolucionarios

(Clichés de Valerio)

A mais importante casa de automoveis em Portugal



LIBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1.000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1.000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa



Bicyclettes

e Linon Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperials», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisonjeiro acolhimento tem tido devido não só à sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas lanternas e correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender.



J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA

Companhia de Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobreirinho (Chemar), Bencido e Casal D'Hermito (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha.)

Lisboa - 270, Rua da Princesa, 278
Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

ENDEREÇOS TELEGRAPHICOS: Lisboa, Companhia Prado
Prado - Porto - Lisboa - NÚMERO TELEFONICO: 508

Companhia de Papel do Prado

Agente em Paris: - Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Sociedade Portuguesa DE SEGUROS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa = 32, Rua do Ouro, 32

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VICTORINO VAZ JUNIOR — CONDE DE SILVES — ANTONIO MARIA D'OLIVEIRA BELLO JUNIOR
— CARLOS REINKE — JORGE O'NEILL — J. W. N. BLECK — MARQUEZ DE GOUVERIA

CONSELHO FISCAL

CONDE DA GUARDA — ANNIBAL VAZ — ANTONIO SERRÃO FRANCO — FERNANDO D'OLIVEIRA BELLO
— MANUEL JOAQUIM ALVES DINIZ — *Gerente*, R. PEIXOTO

5.000\$000 (CINCO CONTOS DE RÉIS)
EM INSCRIPÇÕES

*Distribuido como bonus aos segurados portadores das
suas apolices contra o risco de incendio em Portugal
e ilhas e em vigor no dia 30 de Dezembro de 1907*

1 de 2:00\$000

1 de 1:000:000

2 de 500\$000

5 de 200\$000

O sorteio será feito entre os numeros das proprias apolices, entrando n'esse sorteio com equal direito ao bonus todas as apolices em vigor no dia 30 de Dezembro de 1907, qualquer que seja o CAPITAL SEGURO e QUALQUER QUE SEJA A DATA DA APO-LICE. D'este modo aproveitarão não só todos os actuaes segurados da Sociedade, como todos aquelles que com ella effectuarem contractos até 30 de Dezembro do corrente anno, tendo a vantagem de segurar contra o risco de incendio os seus haveres, mobílias, estabelecimentos e predios, pelos premios mais resumidos n'uma companhia de 1.º ordem, participando ao mesmo tempo nos importantes bonus que a SOCIEDADE PORTUGUEZA DE SEGUROS resolveu distribuir.

Para quaesquer esclareci-
mentos dirigem-se a

Séde da Sociedade em Lisboa

R. do Ouro, 32

e a qualquer das agencias da Sociedade nas provincias de Portugal e Ilhas